

São Cristóvão-SE/Brasil
21 a 23 de setembro de 2011

V Colóquio Internacional

"Educação e Contemporaneidade"



ISSN 1982-3657

FORMAÇÃO PROFISSIONAL INTERDISCIPLINAR

Najó Glória dos Santosⁱ

E-mail: najo_gloria@yahoo.com.br

Jonaza Glória dos Santosⁱⁱ

E-mail: jonazagloria@hotmail.com

Antônio Vital Menezes de Souzaⁱⁱⁱ

E-mail: a.vmsouza@yahoo.com.br

EIXO TEMÁTICO 15. Pesquisa fora do Contexto Educacional

RESUMO

Neste artigo analisamos a formação profissional interdisciplinar, recorrendo-se aos estudos autobiográficos e suas relações com o exercício da prática profissional interdisciplinar em diferentes espaços de trabalho. Refletimos sobre as mudanças ocorridas nos últimos vinte anos nas políticas públicas brasileiras destinadas à formação profissional, concentrando atenção em torno da qualificação acadêmica em cursos de pós-graduação de natureza interdisciplinar. Em seguida, tomamos como referência a produção da Sociologia do Trabalho, a biografia educativa e os itinerários de formação das práticas interdisciplinares. Por fim, analisamos a pertinência da formação interdisciplinar associada ao mundo do trabalho e ao desenvolvimento pessoal-profissional do sujeito em sua constituição de agente social de transformação e emancipação política, crítica e engajada em oposição às respostas acríticas à lógica produtiva neoliberal.

Palavras-chave: Histórias de Vida. Desenvolvimento Profissional Interdisciplinar. Egressos

RESUMÉ

Dans cet article nous analysons la formation interdisciplinaire, le recours à des études autobiographiques et de leur rapport à l'exercice de la pratique professionnelle interdisciplinaire dans les différents espaces de travail. Réfléchir sur les changements au cours des vingt dernières années dans les politiques publiques brésiliennes pour la formation professionnelle, en se concentrant l'attention autour de la qualification académique en cours

de troisième cycle de nature interdisciplinaire. Nous contrôlons la production de la sociologie du travail, la biographie itinéraires de formation et de formation sur les pratiques interdisciplinaires. Enfin, nous analysons la pertinence de la formation interdisciplinaires portant sur le monde du travail et le développement personnel et professionnel de l'objet dans sa constitution d'un acteur social de la transformation et l'émancipation politique, critique et engagée à l'encontre de réponses critique de la logique productive du néolibéralisme.

Mots-clés: Histoires de vie. Développement Professionnel Interdisciplinaire. Étudiant

INTRODUÇÃO

Nos últimos vinte anos é inegável a existência de exponencial processo de reestruturação produtiva no mundo do trabalho. Não apenas a questão da economia neoliberal sustentada em fluxos autorreguladores do capitalismo contemporâneo, das relações trabalhistas, da formação profissional e da disseminação de pesquisas aplicadas às indústrias são fenômenos que contribuem para a profusão de problemáticas complexas relacionadas ao mundo do trabalho e à formação profissional especializada. Tais problemáticas e suas complexidades se estreitam em diferentes âmbitos de relações de modo à espacializar local, regional ou globalmente outras lógicas de formação requeridas pelo mundo do trabalho (Ramalho, 2004).

Nesse contexto, a formação profissional de base interdisciplinar surge como demanda de expressiva necessidade econômica e política. Desde os anos noventa a demanda por profissionais com capacidade de integrar conhecimentos dispersos pela hiperespecialização desenvolveu-se em torno da busca da interdisciplinaridade em diferentes campos do conhecimento. Essa demanda se justifica pelas transformações ocorridas no mundo do trabalho e, especificamente, pela insuficiência epistemológica que as ciências modernas expressam diante da complexidade do mundo físico, social, político e cultural do homem. Assim, a Sociologia como ciência que estuda objetos do mundo social em suas dinâmicas, permanências e mutabilidades, voltar-se-á para a análise das relações entre mundo do trabalho, formação e práticas profissionais específicas. Tanto a Sociologia do Trabalho quanto a Sociologia das Profissões surgem nesse cenário como importantes campos teóricos para a compreensão aprofundada do tema (Offe, 1989).

O trabalho como categoria central de pesquisa desde o início dos anos oitenta tornou-se um dos temas mais debatidos da Sociologia. Na última década do século XX ocorreram produções de pesquisa consideravelmente relevantes sobre o trabalho como objeto

sociológico de modo a ressignificar as previsões de que o trabalho estaria deixando de ser a categoria chave em ciências sociais, na medida em que estaria perdendo a centralidade que sempre teve para a organização da vida social (Offe, 1989). Todavia, vale ressaltar que os estudos sobre o trabalho devem abranger uma variedade de objetos de pesquisa, dando, por isso mesmo, uma amplidão sistemática no que se refere aos complexos modos de relação entre trabalho, formação para o trabalho, profissões e formação profissional situados num período histórico de profundas crises paradigmáticas, científicas, políticas, éticas.

Neste artigo buscamos discutir as profundas modificações que vêm ocorrendo neste universo, aproximando-o do campo epistemológico da interdisciplinaridade. Insistimos que a reflexão sobre a formação profissional interdisciplinar deve imbuir-se de clareza sociopolítica do uso de métodos de pesquisa que possibilite a escuta mais intensa e mais próxima possível do universo significativo dos sujeitos envolvidos diretamente com a demanda social da formação profissional interdisciplinar. Nesse sentido, nossa reflexão está pautada pelo interesse em dialogar com o campo da sociologia do trabalho de modo a envolver, progressivamente, a formação profissional interdisciplinar.

Este artigo expressa nossa parceria de orientanda e orientador de pesquisa no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe (PRODEMA/UFS). O objeto central de nossa pesquisa é o desenvolvimento profissional interdisciplinar dos egressos do curso de mestrado no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (1997 a 2010). Trata-se de um estudo sobre o exercício da prática profissional interdisciplinar, aqui, por nós, situada no campo denominado de *ciências ambientais*, através do qual fazemos análises das mudanças e dos fatores ocorridos na formação acadêmica que contribuíram, determinaram, construíram e alicerçaram o fazer profissional em distintos campos de trabalho dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Nesse sentido, fazemos recorrência às abordagens (auto) biográficas, à Sociologia do Trabalho, à biografia educativa e às práticas interdisciplinares em ciências ambientais e no mundo do trabalho. A metodologia da pesquisa escolhida é de natureza mista: qualitativa e quantitativa. Os principais instrumentos de coleta de dados utilizados são questionário fechado, entrevistas semidirigidas, fontes documentais, relatos autobiográficos e formulários eletrônicos de acompanhamento (Coleta/Capes). Os resultados esperados destacam a relevância da formação interdisciplinar em ciências ambientais através da qual as implicações sociais e científicas presentes em diferentes campos de trabalho propiciem discussões sobre a importância das trajetórias de vidas e das trajetórias profissionais no desenvolvimento

profissional interdisciplinar para a definição de políticas públicas de formação interdisciplinar, sociologicamente situada.

1 CAMPO E HEURÍSTICA DA SOCIOLOGIA DO TRABALHO

A Sociologia do Trabalho constitui-se como campo que estuda as relações sociais no mundo do trabalho, considerando os modos de apropriação, usos e contradições oriundas da aproximação entre os conceitos de trabalho e de técnica (Freire, 2002). É uma ciência direcionada à compreensão dos fenômenos modernos ligados ao desenvolvimento científico, ao surgimento da cultura do trabalho e das relações produtivas baseadas na lógica do mercado. Trata-se de um campo político denso. Primeiramente, porque se constrói tendo como referência uma base de natureza interdisciplinar. Em seguida, devido aos métodos oriundos de vários campos do conhecimento, incluindo o tratamento estatístico das informações até a análise qualitativa de contextos específicos nos quais se desenvolvem as relações sociais cotidianas mais tensivas.

A Sociologia do Trabalho ganha destaque como disciplina nas ciências sociais a partir dos anos cinquenta do século vinte (Brava Júnior, 1990). O campo da sociologia do trabalho é fruto das transformações ocorridas durante séculos no modo de organização social das instituições, nas relações políticas e nos diferentes sistemas de produção econômica (ou modos de subsistência). Em todo caso, a história da Sociologia do Trabalho está associada ao desenvolvimento das técnicas e a produção da cultura como estilo de vida moderno. Todavia, foi a partir da revolução industrial que a manipulação de técnicas foi empregada em larga escala, culminando na absorção de força de trabalho de modo cada vez mais acelerado e automática (Supiot, 1999).

Nesse interim, a passagem do domínio das técnicas artesanais ao trabalho industrial com grandes máquinas, culmina com o surgimento do trabalho imaterial, capitalizado de diferentes modos, lado a lado, com o desenvolvimento do capitalismo nascente. A noção de trabalho como elemento produtivo, surge, portanto, com as mudanças estruturantes à sociedade moderna. Essas mudanças iniciam-se com a valorização da família como elemento nuclear, na distinção da cultura como elemento imaterial cada vez mais próximo à ordem do simbólico e afastado da ideia original do cultivo do solo para sobrevivência, e, sobretudo, tais

mudanças tornam-se concretas através da estratificação de poderes na política, tanto na configuração de classes sociais distintas, quanto nos modos de apropriação e/ou concentração de riquezas, pululando a disseminação de desigualdade de acesso aos produtos e bens culturalmente ligados à modernidade.

A Sociologia do Trabalho ganhou novos espaços de debate nas últimas duas décadas do século XX, graças ao aparecimento das novas tecnologias e suas influências na vida social e cultural das pessoas. As tecnologias da informação e da comunicação, associadas às novas formas de organização da produção no campo da indústria, a falência do significado social de várias profissões, anteriormente valorizadas, a flexibilização das relações de trabalho e o acirramento dos mecanismos de exclusão, disponibilizaram um amplo leque de problemas contextualizados pelas novas redes de produção no mercado globalizado.

As diferenças nas organizações e nas relações de trabalho contribuíram para o desenvolvimento teórico da sociologia do trabalho. Nesse conjunto de discussões, a análise central do campo gira em torno das relações produtivas de larga escala nas indústrias, dos avanços ocorridos no campo econômico através da cadeia produtiva sustentável, da crescente automação e do investimento em artefatos inteligentes no que se refere à inovação científico-tecnológica, e, muito recentemente, preocupa-se com o desenvolvimento profissional e os novos paradigmas da profissionalização (Malvezzi, 1999).

Não existe filiação teórica determinada na estruturação da Sociologia do Trabalho como disciplina. Apresenta-se tanto como associada aos planos de análise clássica, funcionalista e estruturalista, quanto aos pressupostos do materialismo histórico (e dialético), assim como se aproxima das abordagens contemporâneas da sociedade da informação, da sociedade do conhecimento e da sociedade em rede (Castells, 2008). Porém, é válido destacar que nas análises mais renovadas está estreitamente relacionada com o lugar do trabalho na sociedade atual e a sua centralidade nas relações que o sujeito efetua com o contexto de interação formativa e o mundo do trabalho.

Assim sendo, os conceitos de trabalho, organização e técnica, associados às noções de qualificação e competências engendram a problemática da consolidação metodológica da Sociologia do Trabalho. Nesse sentido, a formação, os valores e as atitudes sociais face às dinâmicas socioculturais, as relações de poder, as estratégias e relações coletivas negociadas entre os atores sociais e as instituições nas quais desenvolvem sua força de trabalho, tornam-

se elementos indispensáveis para o exercício fecundo do campo como ciência interdisciplinar e como metodologia aplicada em busca de nova compreensão sobre o mundo do trabalho e das profissões.

2 FORMAÇÃO PROFISSIONAL INTERDISCIPLINAR

Pode-se denominar por *formação profissional interdisciplinar* o processo através do qual a ideia de formação e a ideia de profissão estão intimamente ligadas aos modos *não-lineares*, transversais e em fluxos de rearranjos incessantes de conceitos, condutas, práticas e saberes cada vez mais interdependentes, distintos e não simplificadores. A *formação profissional interdisciplinar* é tema recorrente nas políticas públicas destinadas à produção científica contemporânea pautada pela economia do conhecimento. Assim sendo, há uma demanda por uma racionalidade produtivo-criativa em escalas cada vez mais crescentes (Castells, 2008). As instituições e as organizações sociais acabam inseridas nesse contexto como espaços de grande potencial de formação e de aprendizagem respaldadas pelas articulações entre diferentes campos do conhecimento como forma de consolidar a formação de uma cultura científica cada vez mais fecunda, passível de reavaliação incessante, mas, promulgada em torno da necessidade de garantir à vida planetária qualidade inexorável, sustentabilidade e equilíbrio biopsicossocial, político, cultural e ético.

Nesse contexto, a ressignificação do conhecimento é direcionada ao processo de produção material da existência em torno da economia do conhecimento e sua instituição crítica em diversos setores da sociedade produtiva. A *formação profissional interdisciplinar*, portanto, insere-se intensamente com as lógicas do mercado, girando em torno do abusivo direcionamento para o lucro, sustentada por concepção competitiva e inventiva diante do mercado e do trabalho. Nesse sentido, “as economias do conhecimento” são caracterizadas pelo predomínio de apoio aos processos como a criatividade e inventividade humanas, ambos, capitalizados, buscando incansavelmente o lucro e o interesse de grupos financiadores não muito bem identificados no processo de comercialização (Lastres, 1999).

Para nós, é preciso analisar cuidadosamente esse fenômeno a partir de uma perspectiva crítica assumindo-o como um paradoxo. Por isso mesmo, acreditamos que a *formação profissional interdisciplinar* dá-se como processo ambíguo. Primeiro porque a formação

profissional interdisciplinar instaura-se através de uma lógica de produção neoliberal, competitiva, respaldando-se pela produção individual ou institucional em busca do bem privado. Segundo porque, em contraponto, a *formação profissional interdisciplinar* está associada à sociedade do conhecimento que inclui, por sua vez, o bem público, mediada pelas lógicas neoliberais, individualizantes. Porquanto, trata-se de um processo difuso e concêntrico ao mesmo tempo. Finca-se em fluxos de tensões de forças que engendram lógicas próprias, conceitos próprios, *gramática* específica de funcionamento e de institucionalização.

Para nós, a Sociologia do Trabalho deve se voltar para o estudo sistemático da formação profissional interdisciplinar. Não apenas serão necessários novos questionamentos, sobre as indagações e hipóteses já sustentadas, sobretudo, faz-se necessário aprofundar-se no campo da experiência formativa das profissões naquilo que se torna imprescindível para todos os continentes, todos os países e todos os Estados politicamente organizados em torno da Economia de base neoliberal. Assim, a Sociologia do Trabalho em sua relevância científica deve ampliar suas potencialidades heurísticas através de mais intensas aproximações com o campo das ciências interdisciplinares, seus desenhos metodológicos e os resultados de suas pesquisas dentro da economia do conhecimento, agora, desenvolvido em *redes*. De outro modo: a formação profissional interdisciplinar situada em rede.

Nesse movimento, a interdisciplinaridade é matéria-prima na cadeia produtiva planetária e nos estudos sobre o trabalho, sobre as profissões e a prática científica contemporânea. A prática da formação interdisciplinar busca cada vez mais a compreensão deste fenômeno a partir de uma visão voltada à criatividade no campo da pesquisa e da profissionalização. Dito de outro modo, a *formação profissional interdisciplinar* relaciona-se com esferas de análise tanto de natureza empresarial, mercadológica, que assuma as diferenciações sociais de gênero, idade e etnia, as digressões de políticas industriais e de desenvolvimento, a globalização econômica e as influências da internacionalização da economia, mediante a instauração de novas institucionalidades que impliquem no surgimento e no engendramento de novas formas de governabilidade e de controle social sobre o mundo do trabalho cientificamente elaborado para determinados fins (De Mais, 2000).

Neste processo, a Sociologia do Trabalho foi também estreitando relações com várias outras áreas do conhecimento (Grint, 1998). Pode-se destacar o diálogo com a engenharia de produção, seja pelo enfoque específico em torno das lógicas do processo produtivo e da organização do trabalho, assim como o destaque à inovação tecnológica e de conhecimento; destaca-se, ainda, a influência imprescindível da Psicologia, seja no que se refere à ampliação

de estudos sobre psicopatologia do trabalho (Dejour, 1991), por exemplo; seja pela centralidade do direito do trabalho e os impactos advindos da desregulamentação dos direitos, bem como as análises sobre o conjunto de modificações que vêm ocorrendo na institucionalidade sindical. Por isso, a *formação profissional interdisciplinar* constitui-se em campo fértil de pesquisa, uma vez que não encontramos apenas o interesse institucional de empresas e do mercado de trabalho, mas, sobremaneira, é possível encontrar a aspiração de maioria expressiva de atores sociais que, durante a formação adquirida ao longo da trajetória acadêmica, não excluem as *itinerâncias pessoais* experienciadas ao longo da construção das histórias *socioprofissionais* de vida.

A *formação profissional interdisciplinar*, portanto, é um fenômeno em ampla expansão nas Universidades. Dados publicados pela CAPES, afirma que a pós-graduação cresceu nos últimos três anos em 20% e a região nordeste apresentou um crescimento de 31,3% em relação ao ano de 2007. Essa ampliação se construiu associada à diversificação dos programas em diferentes áreas de estudo nas instituições públicas de ensino e na iniciativa privada. Em princípio, o investimento na pós-graduação veio para atender às demandas geradas pela necessidade de formação de corpo docente qualificado para a graduação, ou seja, para o exercício da docência em nível superior de modo que os professores deveriam possuir o título de mestre ou o título de doutor e assim assumir o seu profissionalismo na docência superior porque “[...] implica numa referência à organização do trabalho dentro do sistema educativo e a dinâmica externa do mercado de trabalho” (Imbernón, 2004, p. 25).

Para atender ao mercado de trabalho e a exigência de uma maior qualificação nas áreas do conhecimento, novos cursos foram sendo criados. Até aí estava configurada a necessidade do mercado e das instituições em formar profissionais qualificados para lidar com novas tecnologias, linguagens, pessoas, produtos e processos, entre outros. Atendendo a essas novas demandas, os profissionais-sujeitos lançaram-se, via pós-graduação, fazendo cursos de mestrado e/ou doutorado, em busca das mais diversas realizações: seja de ordem material por meio da qualificação no campo profissional, seja de natureza acadêmica pela aquisição de conhecimento, seja para realização pessoal, *status* social e reinserção no mercado de trabalho.

Aqui, cabe destacar, todavia, que o processo da busca pela formação nem sempre é orientado pela academia. Acontece, ainda, inconscientemente, a partir da história de vida de cada sujeito, e é a *história de vida* que orienta os caminhos e as escolhas vão tornando-se cada vez mais complexas por conta dos inúmeros elementos que são considerados nessa seleção, bem como pela consciência que vai se formando ao longo da vida (Silva, 1996). Para

caracterizar a necessidade que move o sujeito na busca de sentido à sua formação - sabendo-se da não obrigatoriedade de formar-se em uma área e nela continuar os estudos na pós-graduação, é preciso destacar a ideia de formação como uma base de reflexões sobre a prática no sentido de que os sujeitos “[...] examinem suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes (Imbernón, 2004, p.49)”.

Assim, a formação inicial, adquirida em nível de graduação, até então satisfatória profissionalmente, se vê ultrapassada face ao surgimento das novas tecnologias. O sujeito se vê compelido à reflexão para decidir sobre o que fazer diante dessa nova situação, buscar uma formação/qualificação/titulação ou permanecer como está. Entretanto, ao optar pela formação essa ação possibilita a aquisição de conhecimentos teóricos, capacidades de processamentos e informações; análise e reflexão crítica; decisão racional; avaliações e tomadas de decisões para reordenar as ações no campo profissional (Albornoz, 2000). Neste sentido, compreender os avanços da pós-graduação em Sergipe, e particularmente o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente que se estrutura como *formação profissional interdisciplinar* é o nosso interesse de pesquisa.

3 FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR: contribuições das abordagens biográficas

Nesse contexto, as abordagens biográficas adquirem relevância incontestável. Tanto a interdisciplinaridade quanto as abordagens biográficas tiveram sua expansão de uso na pesquisa científica a partir da década de setenta quando as ciências humanas foram rompendo progressivamente com os paradigmas quantitativos herdados das ciências naturais. Desde então, as abordagens biográficas foram se constituindo como referências importantes no tratamento de questões de problemáticas epistemológicas, culturais e sociais variadas. Finger (1984) considera a abordagem biográfica, por exemplo, como sendo fundamental para as inúmeras possibilidades de leituras sobre uma considerável gama de aspectos da cultura. Nesse sentido, não cabe apenas aos métodos biográficos, a descrição da vida de um sujeito, ou de um grupo de sujeitos, mas, sobretudo, a sistematização de uma fecunda leitura sociocultural sobre os meandros de uma cultura em formação.

Quando nos referimos às abordagens biográficas tratamos do estudo da história de uma vida (seja individual ou coletiva) mediante instrumentos variados como as biografias, as autobiografias, os relatos, as fotografias, os diários, história de vida, relatos de vida, os

memoriais etc, mantendo o caráter interdisciplinar no tratamento e na escolha de métodos e instrumentos a fim de lançar outro olhar sobre a pertinência de tais estudos para o campo das ciências antropológicas. Trata-se da explicitação de elementos cuja fecundidade heurística provoca alterações radicais nas maneiras singulares de ser e estar na relação com o Outro, principalmente nos espaços de trabalho e de formação profissional. Por tal razão, é preciso, também, discutir a importância das abordagens biográficas como campo de pesquisa relevante em Sociologia do Trabalho diante dos estudos sistemáticos sobre as profissões.

A importância das abordagens biográficas como instrumento de pesquisa e de formação tem sido amplamente divulgada em distintas áreas do conhecimento. Existem aproximações metodológicas e epistemológicas em torno das abordagens biográficas, da História de Vida e da História Oral. Admitimos, aqui, neste artigo, a possibilidade de significativa importância da relação entre História de Vida e a formação profissional interdisciplinar. Assim, faz-se necessário destacar que Gaston Pineau e Jean-Louis Le Grand (1993) definem a *História de Vida* como pesquisa e construção de sentido a partir de fatos temporais pessoais que implica num processo de expressão da experiência (p.3). Foi graças à utilização da história de vida em pesquisas diversas, que os fenômenos sociais puderam ser vistos como processos e não apenas como produtos. O aumento de interesse dos cientistas sociais pela história de vida demarca uma substancial passagem da importância de uma vida particular, reduzida ao seu próprio estado de constituição grupal, familiar ou comunitária, para a valorização de experiências coletivas de grupos humanos, propiciando a necessidade de singularizar o vivido e torná-lo propício à apreensão de aprendizagens dos mais variados componentes da cultura, do social e da existência de uma determinada circunstância histórica.

Em diversas áreas de conhecimento a utilização da história de vida traz contribuições inquestionáveis. Na sociologia francesa, Daniel Bertaux em *Histoire de Vie ou Récits de Pratiques? Méthodologie de l'approche biographique en sociologie* (1976) explicita que o trabalho biográfico deve se orientar no sentido de analisar as práticas e os processos sociais pela obtenção de um relato de vida sustentado por um relato de práticas. Trata-se mais de uma ambição em renovar epistemologicamente a metodologia de pesquisa do que se manter retido aos modelos estatísticos predominantes. Danielle Desmarais e Grell Paul em 1986 aprofundam essas questões na obra *Les récits de vie. Théorie, méthode et trajectoire types*. Os autores procuram discutir a relevância das pesquisas sociais e a significativa contribuição que o método e a técnica da abordagem biográfica, inspirados na pesquisa qualitativa, imprimem às mudanças epistemológicas na segunda metade do século XX.

A principal contribuição das abordagens biográficas se destaca pela oposição à hegemonia do modelo de causalidade determinista proveniente das concepções funcionalistas, marxistas e estruturalistas do indivíduo. É a partir da segunda metade do século vinte que a busca de compreensão aprofundada sobre a individualidade humana, sobre as experiências de vida e que os indivíduos faziam com essas experiências ganharam destaque. Supera-se paulatinamente a tendência centrada nas análises estatísticas, filiada a uma ciência da previsão e do controle sobre variáveis através da adesão à metodologia qualitativa fincada na processualidade e nas relações multidimensionais do sujeito em suas experiências de vida. Destaca-se, pois, o sucesso alcançado pela introdução da *Teoria dos Sistemas* (Bertalanffy, 1972) que possibilitou teórica e cientificamente a reabilitação do sujeito e do ator social, criando abertura necessária à determinação do conceito *autopoiésis* no conjunto das ações sociais mais cotidianas. A produção de si mesmo, desde então, associa-se à escrita e à *narração de si*.

Nessa conjuntura, a prática das histórias de vida em formação fundamenta-se na ideia da apropriação que o indivíduo faz da sua própria história ao realizar a narrativa de sua vida. No caso, exploram possibilidades e experiências como alternativas de intervenção e concebem uma denominação abrangente de formação. Na década de 80, é descrita a transição entre o comum praticado e a busca de referencial teórico que valorizasse a formação centrada no sujeito aprendente usando método de pesquisa-formação-articulada com as histórias de vida.

É perceptível a dificuldade de pesquisadores em romper com a forma clássica de produzir conhecimento científico a partir deste novo referencial que são as histórias de vida. A predominância do referencial logocêntrico, racional e distanciado de qualquer tipo de expressão subjetiva, retarda, amarra, prende a produção do novo modo de fazer ciência. A abordagem biográfica propicia, inclusive, a criação do método autobiográfico. O método autobiográfico ganha expressividade e sua aplicação contribui para a construção do saber científico pela potencialidade de descortinar o micromundo da experiência individual, ressonante com a dinamicidade da prática social mais ampla. Além de assumir uma posição transdisciplinar nos espaços da produção científica e da análise social, o método autobiográfico propicia a reflexão sistemática de práticas de formação como cartografia surgida do cruzamento de diversos conceitos e metodologias distintas.

A primeira obra sobre *história de vida* foi publicada em 1927, no campo da sociologia, escrita por Thomas e Znaniecki e intitulada *The Polish Peasant in Europe and America*. As

tentativas de registro de situações relativas à história de vida forma feitas pelo homem de modo diverso. As memórias de família, incidindo sobre os costumes e práticas entre gerações distintas; os aniversários, as confidências entre amigos, os registros de cerimoniais como nascimento, batismo, casamento, o histórico escolar, o curriculum vitae, dentre outros, são exemplos interessantes que trazem à tona um precioso campo, para a exploração científica, ligado à formação e à vida de grupos humanos. Inclusive, o trabalho investigativo com a História de Vida tem servido como referência para avaliar teorias, inclusive provocando o aparecimento de novas perspectivas teóricas sobre o já construído através das pesquisas de método biográfico. Dentre outras questões, o caráter minucioso presente na história de vida permite que o pesquisador se aprofunde no estudo de inúmeras variáveis e das relações entre diversos fenômenos, incrementando novos conhecimentos na área.

Por isso mesmo, a autobiografia é um dos mais ricos aportes teórico-metodológicos para a compreensão da cultura e das relações sociais, históricas e simbólicas do homem. Acentua Momigliano (1991) que foi no movimento de reforma política e cultural da Grécia, durante o século V a.C, que surgiu pela primeira vez a expressão *bios*. Tal reforma foi demarcada pelo movimento de influência do povo persa na identidade do povo grego. Desde então, nesse contexto, a expressão *bios*, foi empregada para descrever fatos individuais e apareceu ao mesmo tempo em que a palavra história foi empregada para designar a narrativa pautada pelos fatos coletivos. Vale ressaltar que entre o século XVIII e XIX, através da crescente utilização de memórias, lembranças e histórias de vida, é que a palavra “autobiografia” aparece na Alemanha e na Inglaterra pela primeira vez. Por isso, destaca Pineau e Le Grand (1993: 21) “que a utilização da história de uma vida (ou de um grupo) como fonte de pesquisa é muito recente”.

Enfim, vale ressaltar que Gaston Pineau (1990) refere à existência de um movimento socioeducativo em torno das *Histórias de Vida* com enorme profusão de abordagens. É necessário um esforço para elaboração teórica, pautada numa reflexão sobre práticas. É preciso que o movimento continue, todavia, caminhando no sentido de uma integração teórica que traduza a complexidade de suas práticas. Assim sendo, a prática das *histórias de vida* dá-se como movimentos ininterruptos de *histórias de vida em formação* que se fundamentam na ideia da apropriação que os atores sociais fazem de sua própria história ao realizarem as suas narrativas de vida, seja a narrativa de natureza pessoal-profissional de modo que não existe vida profissional sem a implicação efetiva da vida pessoal. No caso da Sociologia do Trabalho que vise à compreensão da formação profissional interdisciplinar é preciso explorar

tais possibilidades heurísticas e tais experiências como alternativas abrangentes de formação socioprofissional mais fecundas e mais inventivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, acreditamos que as contribuições da Sociologia do Trabalho a respeito da *formação profissional interdisciplinar* são efetivamente relevantes. O olhar sociológico crítica em torno da *formação profissional interdisciplinar* não deve reduzir-se às análises das relações macroeconômicas em demérito às abordagens microsociológicas críticas. Defendemos que a Sociologia do Trabalho deva ser um campo mais amplamente divulgado e aprofundado entre os pesquisadores da formação profissional de modo a acrescentar na arquitetura conceitual do campo, novos conceitos, novas abordagens, novas perspectivas teóricas e metodológicas que permitam aos pesquisadores iniciantes e aos pesquisadores já consagrados aprofundar seus objetos de pesquisa, ampliando seu potencial heurístico metodológico, epistemológico e ético. Por isso mesmo, torna-se necessário efetuar deslocamentos e articulações entre diferentes métodos de análise e procedimentos de pesquisa que sejam cada vez mais voltados para a compreensão em profundidade do mundo do trabalho e suas relações com o tipo de pesquisa mais inventiva, mais complexa, mais implicada e, sobretudo, mais consistente com as problemáticas sociais expressas pelos atores sociais como intensiva, híbrida, multifacetada e em profusão de sentidos, experiências e vida.

Por isso mesmo, acreditamos que é necessário o estudo sobre o exercício da prática profissional interdisciplinar através da análise de mudanças e dos fatores ocorridos a partir da formação profissional, a interferência no fazer, a resignificação de práticas e do desenvolvimento profissional em distintos campos de trabalho. Urge a ampliação da análise sobre a real extensão da capacidade de transformação gerada a partir da formação profissional interdisciplinar de modo a incrementar nas políticas públicas de formação e desenvolvimento no Brasil, as memórias e as histórias de vida de coletivos humanos, suas implicações sociais culturalmente situadas.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

- BAVA JR., Augusto Caccia. **Introdução à Sociologia do Trabalho**. São Paulo: Ática, 1990
- BERTAUX, D. A abordagem biográfica: sua validade metodológica, suas potencialidades. Tradução de Lucila Schwantes Arouca, Martha Rosa Pisani Destro. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, Paris, v. 19, juin/dec. 1980.
- CASTELLS, Manuel. A era da informação: economia, sociedade e cultura. *In: _____*. **O Poder da identidade**. 2. ed. São Paulo : Paz e Terra, 2000. v. 2, 2008
- DE MASI, Domenico. **O futuro do trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial**. Rio e Janeiro: Ed.José Olympio, 2000.
- DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez – Oboré, 1991.
- DESMARAIS, Danielle e PILON, Jean-Marc. (Coord.)**Pratiques des histoire de vie**. Paris/Montreal : L'Harmattan, 1996.
- FINGER, Mathias e NÓVOA, António. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1984.
- FREIRE, J. **Sociologia do Trabalho: uma introdução**. Porto: Edições Afrontamento, 2002.
- GRINT, Keith. **Sociologia do trabalho**. Lisboa: Piaget, 1998.
- IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2000. (Coleção Questões da Nossa Época;v. 77).
- LASTRES, Helena M. M.; ALBAGLI, Sarita (Orgs). **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- MALVEZZI, Sigmar. **Empregabilidade e carreira**. Cadernos de Psicologia Social e do Trabalho. V.2, n.1, 1999.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. **Les origines de la biographie em Grèce ancienne**. Strasbourg : Circé, 1991.
- OFFE, C. Trabalho: a categoria chave da Sociologia? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.4, n.10, 1989.
- PHILIPPI JR., Arlindo et al. **Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais**. São Paulo: Signus Editora, 2000.
- PINEAU, Gaston e LE GRAND, Jean-Louis. **Les histoiresb de vie**. Paris : PUF, 1993.
- RAMALHO, José Ricardo e Santana, Marco Aurélio. **Sociologia do trabalho no mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- SCHEIN, Edgar H. **Identidade profissional: como ajustar suas inclinações a suas opções de trabalho**. São Paulo: Nobel, 1996.
- SILVA, Laura Belluzo de Campos. **A escolha profissional – uma abordagem psicossocial**. São Paulo: Unimarco, 1996.
- SOARES, Dulce Helena Penna. **A escolha profissional: do jovem ao adulto**. São Paulo: Summus, 2002.
- SUPIOT, Alain. **Au-delá de l'emploi**. Paris, Flammarion, 1999.

ⁱ Mestranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Graduada em Serviço Social e Pós-Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe. Membro do SEMINALIS – Grupo de Pesquisa em Tecnologias Intelectuais, Mídias e Educação Contemporânea (CNPq/UFS).

ⁱⁱ Especialista em Escola e Comunidade, Graduada em Letras Francês e Português, Estudante de Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe.

ⁱⁱⁱ Doutor em Educação. Professor de Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento da Universidade Federal de Sergipe, Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de Educação, São Cristóvão, Sergipe. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Mestrado e Doutorado), PRODEMA/UFS. Líder do SEMINALIS – Grupo de Pesquisa em Tecnologias Intelectuais, Mídias e Educação Contemporânea (CNPq/UFS).